

1

A LEBRE

Dois homens viajavam de carro, irritados e taciturnos, com a vista irritada pela luz do ocaso que passava através da poeira do pára-brisas. Era a época de S. João. Na pequena estrada arenosa, a paisagem finlandesa desfilava diante dos seus olhos lassos; nenhum deles prestava a menor atenção à beleza do crepúsculo.

Eram um jornalista e um fotógrafo requisitado para o serviço, dois seres cínicos, infelizes, com cerca de quarenta anos; as esperanças dos seus tempos de juventude estavam longe, muito longe de se terem concretizado. Casados, enganados, desiludidos, ambos tinham um princípio de úlcera no estômago e outras preocupações quotidianas.

Tinham discutido para saber se deviam voltar para Helsínquia ou passar a noite em Heinola. Depois da querela, tinham-se calado.

Atravessavam em diagonal o esplendor do fim da tarde, cabeça enfiada entre os ombros, carrancudos, obstinados, de espírito tenso, sem sequer se aperceberem a que ponto era miserável aquela deslocação. Viajavam embotados, cansados.

Numa pequena colina exposta ao sol, uma lebre jovem exercitava-se a pular; na embriaguez estival, parou no meio da estrada, de pé nas patas traseiras, enquadrada pelo sol vermelho.

O fotógrafo ao volante viu o pequeno animal na estrada, mas a sua mente entorpecida era incapaz de reagir a tempo e não conseguiu evitá-lo. Um sapato poeirento carregou furiosamente no travão, mas era tarde de mais. Aterrorizado, o animal pulou no ar, diante do capô; ouviu-se um choque surdo quando embateu no canto do pára-brisas, antes de aterrar no bosque.

— Bolas, atropelámos uma lebre! — exclamou o jornalista.

— Maldito animal! Felizmente não partiu o pára-brisas.

O fotógrafo parou o carro e recuou até ao local do acidente. O jornalista saiu do veículo.

— Consegues vê-lo? — perguntou o fotógrafo, contrariado. Baixara o vidro, mas não desligara o motor.

— O quê? — gritou o jornalista, já no bosque.

O fotógrafo acendeu um cigarro e, de pálpebras fechadas, aspirou o fumo. Só voltou à realidade quando sentiu o cigarro queimar-lhe a ponta dos dedos.

— Vamos embora, não tenho tempo a perder com um coelho idiota.

O jornalista caminhava distraidamente pela floresta; chegou à beira de uma pequena cova, saltou por cima dela, e perscrutou a relva verde-escura. No meio, avistou a lebre.

Tinha a pata traseira partida. Pendia tristemente, por cima do joelho e o animal estava em tão mau estado que nem tentou fugir quando viu o homem aproximar-se.

O jornalista pegou na lebre aterrorizada. Partiu o galho de um arbusto e fixou-o na pata, como uma tala, com a ajuda do lenço que rasgara em tiras. A lebre protegia a cabeça entre as suas pequeninas patas dianteiras; as suas orelhas tremiam, tal era a intensidade dos batimentos do seu coração.

Ao longe, na estrada, ouviu-se o rugido nervoso de um motor, duas buzínadelas raivosas e um apelo:

— Volta! Nunca chegaremos a Helsínquia se continuares a passear nessa maldita floresta! Ou voltas já ou desenrascas-te sozinho!

O jornalista não respondeu. Segurava o pequeno animal nos braços. Aparentemente, a lebre só estava ferida na pata. Pouco a pouco, acalmava-se.

O fotógrafo saiu do carro. Perscrutou a floresta com um olhar furibundo: nem sombra do colega. Praguejou, acendeu um cigarro e deu alguns passos nervosos pela estrada. Continuava a não haver nenhuma reacção vinda da floresta. O homem esmagou a beata na estrada e gritou:

— Podes ficar aí, imbecil! E boa sorte!

Pôs-se ainda à escuta, mas como não ouvia nenhuma resposta, instalou-se raivosamente ao volante, ligou o motor, pôs o pé na embraiagem e arrancou. O saibro arenoso rangeu sob os pneus. Momentos depois, o carro tinha desaparecido.

O jornalista sentara-se à beira da cova, com a lebre nos joelhos; parecia uma velha senhora perdida nas suas cogitações, com o tricô à sua frente. O ruído do carro deixou de se ouvir. O Sol deitava-se.

Pousou a lebre na relva; durante um instante, julgou que o animal ia fugir a toda a pressa, mas ele ficou agachado nas ervas e quando voltou a pegar nele, viu que já não tinha medo.

— Assim, estamos bem — disse o homem à lebre.

Tal era o ponto da situação: encontrava-se no meio da floresta, de casaco, abandonado e só, numa noite de Verão.

Que se costuma fazer num caso destes? Primeiro, pensou que talvez devesse ter respondido aos apelos do fotógrafo. Agora teria certamente de andar até à estrada, esperar pelo carro seguinte e pedir boleia, indo até Heinola ou Helsínquia pelos seus próprios meios.

Era uma ideia francamente desagradável.

Pegou na carteira. Esta continha algumas notas de cem, um cartão de imprensa e outro da Segurança Social, uma foto da sua mulher, algumas moedas, dois preservativos, um molho de chaves, uma velha insígnia do Primeiro de Maio. E, ainda, um lápis, um bloco-notas e um anel. No bloco-notas, o seu patrão mandara imprimir: *Kaarlo Vatanen, redactor*. Segundo o número do seu cartão da Segurança Social, nascera em 1942.

Levantou-se, contemplou os últimos raios de sol para lá da floresta e inclinou a cabeça na direcção da lebre. Olhou para a estrada, mas não deu nem um passo para lá chegar. Levantou a lebre, instalou-a cuidadosamente no bolso do casaco e afastou-se ao longo da pradaria, na direcção do crepúsculo nascente.

O fotógrafo irritado chegou a Heinola, onde encheu o depósito do carro e decidiu ir para o hotel onde o jornalista lhe propusera passar a noite.

Pediu um quarto com duas camas, despiu as roupas cobertas de pó e tomou um duche. Depois de se lavar, desceu para o restaurante do hotel. Dizia para consigo que o jornalista não tardaria certamente a chegar e então poderiam pôr ponto final no assunto. Bebeu algumas cervejas, jantou e prosseguiu com bebidas mais alcoolizadas.

Mas o jornalista não apareceu.

Já tarde na noite, o fotógrafo ainda continuava sentado no bar do hotel. Fixava a superfície negra do balcão e ruminava raivosamente a situação. Reflectira toda a noite. Apercebera-se que cometera um erro ao deixar o seu companheiro no meio da floresta, numa região praticamente deserta. Talvez ele tivesse partido uma perna, talvez se tivesse perdido ou ficado atolado num charco. De outro modo, teria certamente chegado a Heinola pelos seus próprios meios, até a pé, se fosse necessário.

Decidiu telefonar à esposa do jornalista, em Helsínquia.

A mulher respondeu, ensonada. Disse-lhe que não vira Vatanen e desligou quando se apercebeu que o seu interlocutor estava embriagado.

Quando o fotógrafo tentou ligar novamente, ouviu o sinal que indicava que o aparelho fora desligado.

Pouco antes da alvorada, pediu um táxi. Decidira ir até ao local onde abandonara o companheiro, para verificar se por acaso ele ainda lá estava. O motorista tirou discretamente o seu revólver do porta-luvas e pô-lo entre as pernas, no banco da frente. Examinava nervosamente o cliente.

No cimo de uma colina, o fotógrafo ordenou-lhe:

— Pare. Aqui.

O motorista seguiu na arma. Porém, o bêbado saiu tranquilamente do carro e começou a gritar na floresta:

— Vatanen, Vatanen!

A floresta escura nem sequer lhe reenviou um eco.

— Vatanen, ouve-me, Vatanen!

O homem descalçou os sapatos, arregaçou a bainha das calças até ao joelho e, de pés nus, partiu pela floresta adentro. Não tardou a desaparecer no escuro. No meio da vegetação, ouviu-se a sua voz chamar por Vatanen.

«Que tipo estranho», pensou o motorista de táxi.

Depois de meia hora de ruídos na escuridão, o seu cliente regressou à estrada. Pediu um pano e enxugou a lama dos pés, enfiando depois os sapatos nos pés nus; as suas meias saíam do bolso do casaco. Voltaram para Heinola.

— Perdeu alguém chamado Vatanen?

— Precisamente. Deixei-o nesta colina na noite passada. Já cá não está.

— Não, também não o vi — compadeceu-se o motorista.

O fotógrafo acordou na manhã seguinte, no hotel, por volta das onze. Uma severa ressaca atormentava-lhe o crânio; apetecia-lhe vomitar. Lembrou-se do desaparecimento do jornalista. Devia telefonar imediatamente à esposa de Vatanen, para o seu local de trabalho. Contou-lhe:

— Ele partiu por essa colina fora, à procura de uma lebre, e não voltou. Bem o chamei, mas ele nem sequer respondeu e deixei-o estar. Querria sem dúvida ficar por lá.

A esposa perguntou:

— Estava bêbado?

— Não.

— Então, onde está? Um homem não tem o direito de sumir assim.

— No entanto, foi o que fez. Não estará aí, por acaso?

— Não, meu Deus, ele põe-me doida. Que se desvençilhe sozinho.

Diz-lhe que o mais importante é que ele volte para casa.

— Como poderei dizer-lhe o que quer que seja se nem sequer sei onde está?

— Então procura-o e diz-lhe que me telefone para aqui. E diz-lhe também que é a última vez que anda na farra. Ouve, tenho um cliente, diz-lhe para me telefonar. Adeus.

O fotógrafo telefonou para o seu escritório.

— Bem... mais uma história: Vatanen desapareceu.

— E para onde foi? — perguntou o secretário da redacção. O fotógrafo contou-lhe o que se passara.

— Ele acabará certamente por aparecer. O artigo não é assim tão importante, podemos deixá-lo de lado e inseri-lo no jornal quando ele já cá estiver.

O fotógrafo sugeriu que talvez ele tivesse tido um acidente. De Helsínquia, tranquilizaram-no:

— Volta para cá. Que queres que lhe tenha acontecido? Além disso, o problema é dele.

— E se eu prevenisse a polícia?

— A esposa dele que o faça, se assim entender. Está ao corrente?

— Está, mas é-lhe indiferente.

— Pois bem, esta história também não nos diz verdadeiramente respeito.